



## **ATA IV Encontro Art Research Journal -ARJ e I Fórum Nacional de Editores de Periódicos da área de Artes Museu de Arte do Rio – MAR - 27 a 29 de abril de 2016**

Nos dias vinte e sete, vinte e oito e vinte e nove de abril de dois mil e dezesseis reuniram-se, no Museu de Arte do Rio – MAR, a Equipe Editorial do Art Research Journal – ARJ e coordenadores de periódicos de Artes, para a realização do IV Encontro Art Research Journal e I Fórum Nacional de Editores de Periódicos da área de Artes. O evento começou às nove horas, com credenciamento dos participantes. Logo após, às nove horas e quarenta minutos, iniciaram-se os trabalhos do IV Encontro do ARJ e do I Fórum dos Editores. A Sessão de Abertura realizou-se no Auditório do MAR, havendo pronunciamentos do representante do MAR, dos Presidentes da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas - ABRACE – Narciso Laranjeira Telles da Silva, da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP – Nara Cristina Santos, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música - ANPPOM – Sônia Regina Abano de Lima, que compõem o Conselho Gestor do ARJ, da Representante da área na CAPES – Antonia Pereira, e dos representantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT. Na ocasião, foi lançado o número 1 do volume 3 do Art Research Journal: Teatro em campo expandido. A seguir, foi composta a Mesa 1: Ética, circulação e inserção internacional da produção acadêmica (internacionalização e coautoria), composta por Maurício Lissovsky (UFRJ) e Antonia Pereira (Representante da Área de Artes na CAPES). Maurício Lissovsky ressaltou os três aspectos da internacionalização: 1-internacionalização das universidades; 2-internacionalização da produção científica; 3- internacionalização dos pesquisadores, destacando que não há uma estratégia única para todas as áreas, sendo necessário que cada área busque as melhores estratégias para si. Antonia Pereira declarou que o Qualis Artístico é um avanço na área e que divulgar a produção artística brasileira no país e no exterior é de grande importância para a pesquisa na área, e que a avaliação reflete o que a área pesquisou e apresentou como resultado, não havendo critérios fechados *a priori*, a não ser os que são de infraestrutura, amplamente conhecidos pela comunidade de pesquisadores. Chamou a atenção para que internacionalizar requer pesquisas conjuntas, que resultem em construção de um conhecimento ampliado sobre um tema ou uma questão. A seguir, a sessão foi aberta para que os participantes fizessem perguntas, que versaram sobre os problemas recentes de concessão de bolsas e apoio a projetos e convênios. Às doze horas e cinquenta minutos encerrou-se a Mesa 1, para pausa para almoço. Às quatorze horas e trinta minutos, no Auditório do MAR, teve início o I Fórum Nacional de Editores de Periódicos da Área de Artes. A Mesa foi composta pelos Coordenadores dos Fóruns de Editores de Artes e Artes Visuais - Paulo Silveira, e de Artes Cênicas – Luiz Fernando Ramos, pela Representante do Fórum de Editores de Música – Adriana Moreira, pela Representante da Área de Artes na CAPES – Antonia Pereira e pela Relatora – Lucia Gouvêa Pimentel. Luiz Fernando Ramos relatou que os coordenadores do Fórum de Editores de Teatro estão preparando o próximo Encontro a ser realizado em novembro, no Congresso da ABACE. Adriana Moreira relatou que os Fóruns de Editores de Música já estiveram atrelados aos congressos da ANPPOM, mas agora estão desvinculados e propôs que se deva pensar na relação entre a quantidade e

a quantidade de autores que temos. Paulo Silveira relatou que o Fórum de Editores de Artes Visuais e Artes esteve ligado desde o primeiro momento à ANPAP, discutindo principalmente as questões da avaliação dos periódicos com versão física e a dos direitos autorais. Antonia Pereira fez um resumo da história do Fórum Nacional de Editores de Artes, desde o primeiro Encontro ARJ, em Natal, até o terceiro Encontro ARJ, em Vitória, ressaltando as discussões sobre a expectativa de definição de sua identidade, da qualidade e de sua inserção. Os editores de periódicos da área de Artes participaram dos Encontros e no terceiro Encontro houve uma proposta para que se criasse um Fórum de Editores de periódicos de Artes, o que é acontece neste quarto Encontro. Ressaltou a importância de que os periódicos sejam indexados, para terem visibilidade, e ponderou que se houver dois PPGs e/ou dois periódicos de mesmo foco em uma região, o ideal é que haja trabalho conjunto ou fusão. Luiz Fernando Ramos disse que antes só haver a periodicidade era uma vitória, mas agora há necessidade de indexação. Considera que as revistas estão muito parecidas e que cada revista deve encontrar suas especificidades. Questionou qual seria o encaminhamento para o ARJ, se seria criado um Comitê Editorial único, com as associações, ou se o ARJ passaria a ter um Corpo Editorial com identidade generalista. Antonia respondeu que isso seria uma discussão para os três dias do Encontro e que na sexta-feira deveria ser dada a resposta, chamando a atenção para que os periódicos têm que ser indexados, para terem visibilidade. Paulo indicou que ficou claro que alguns problemas são comuns a todas as áreas e outros são singularidades das artes. Considera que não se deve fechar em um modelo único. Luiz Fernando chamou atenção para que um dos aspectos singulares da área de Artes é que envolve algo mais amplo que um experimento. Considera que o SciELO é uma régua das ciências duras e acha que não vale a pena se submeter. Adriana Moreira disse que a questão da qualidade dos artigos passa também pela ficha de avaliação e que a orientação para os avaliadores tem que ser clara e didática. Mateo declarou que nos deparamos com o paradoxo entre a vivência e a formatação. Luiz Fernando disse os programadores é que têm que achar um indexador mais flexível. Ronnie esclareceu que o seer (ojs) é um *software* agnóstico em relação ao conteúdo adequado ao formato científico. Antonia declarou que temos que estar indexados em alguma base que tenha regras comuns, em que se possa ser encontrado, em que a busca tenha alguma confiabilidade. Após a reunião geral, teve início a sessão para a definição das temáticas gerais a serem discutidas nos Grupos de Trabalho. Foram citados os seguintes pontos: a) direito de reprodução de imagens – quando usar ou quando não usar imagem, citando fonte; b) dificuldades e desafios quanto ao aspecto formal dos textos e aceite de regras; c) inserção de vídeos, som, instalações interativas e outras estratégias, no sentido de viabilizar e dar visibilidade daquilo que nos distingue; d) formas de colaboração e cooperação entre os editores, principalmente na questão tecnológica - talvez trabalhar com convênios; e) processo colaborativo de publicação entre programas, de forma a que programas próximos possam fazer periódicos juntos; f) considerar a possibilidade de que na avaliação fosse pontuado o trabalho de ser parecerista para as revistas, pois indiretamente isso tem repercussão; g) entre PPG na elaboração de periódicos; h) Estratégias para cooperação entre PPGs para periódicos comuns – fusão de revistas; i) estimular a publicação de resenhas sobre publicações (revistas, livros e artigos) brasileiras e internacionais sobre a área; j) como promover a parte pedagógica da revista; k) as diferentes estruturas das revistas e as devidas importâncias dadas às partes (resenhas, exposições, entrevistas etc.). Aberta a palavra, Ronnie esclareceu que a limitação técnica é do ambiente da internet, ou seja, da web onde os artigos são publicados e que é preciso se estabelecer quais são os requisitos da área de Artes.

Narciso considerou que é necessário ouvir os que os colegas do Fórum de Editores de Artes Cênicas pensam sobre o ARJ, para poder tomar decisões. Martha declarou que o que foi pensado quando da elaboração da programação foi que os presidentes das Associações mediarão para o Grupo de Trabalho de cada subárea, mas o que fosse resolvido naquele momento seria acatado. Os presidentes das três associações consideraram que quem coordena o Fórum específico deveria coordenar o GT. Afonso chamou a atenção para que a importância deste primeiro Fórum de todos os editores é que todos estão juntos no Fórum Nacional. O que é discutido e aprofundado deve se refletir no ARJ. Mantida a independência dos diversos fóruns, não deixar que o diálogo seja cortado, mas sim fortificado. Viviane alegou que o Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense é interdisciplinar, portanto os fóruns não poderiam ser estanques, reivindicando fóruns mais flexíveis. Sônia respondeu que essa é a proposta do ARJ e que reivindicamos a mistura, mas não estamos preparados para trabalhar assim. Clóvis chamou a atenção para a importância do desempenho e da missão da revista em um programa de PG e que a forma como se utiliza as plataformas ainda é muito estanque, ou seja, fazendo *download*, com pouquíssima interação. Nara ressaltou que é preciso olhar para a história das revistas que são bem avaliadas em relação ao programa. Martha reforçou que temos que estabelecer dados que permitam ver o acesso das revistas e dos artigos, e que estar claro qual é a missão de cada periódico é essencial, pois é isso que faz as pessoas quererem publicar naquela revista. A missão do ARJ foi: 1-ter material de ponta para nossos graduandos; 2-implementar a internacionalização, porque temos uma coisa inovadora em níveis mundiais: estamos estabelecendo parâmetros, somos vanguarda acadêmica na área. Estamos esquecendo um pouco o papel pedagógico que é exercido pelas resenhas críticas, pois temos que ter material para as disciplinas da Graduação. Paulo salientou que a revista é datada e é dialógica, uma vez que resenha e entrevista são dialógicas, pois quando entrevistamos um artista, o aluno o estuda e torna a voz do artista perene internacionalmente. Dária declarou que o livro deve ter mais importância e que a valorização da pesquisa autoral não pode ser esquecida. Maria Alice manifestou sua preocupação com a discussão sobre internacionalização. Declarou que o que é publicado em inglês não é lido, o que se lê é o que é traduzido. Considera que a instituição tem que receber alguma contrapartida na avaliação se tem uma revista A1 como, por exemplo, tendo direito a mais verba. Felipe disse que a função dos periódicos que vai além do que se pensa, pois declaramos que usamos livros na Graduação, quando, na verdade, usamos os periódicos. Mateo considerou que as questões apontadas convergem para a necessidade de saber dos pressupostos das razões de ser de um periódico. As discussões encerraram-se às dezoito horas e quarenta minutos. Às dezenove horas, na sala 2.2 do MAR, teve início a reunião do Conselho Gestor do ARJ, que foi encerrada às dezenove horas e trinta minutos. Às dezenove horas e trinta minutos, no Auditório do MAR, deu-se o início da Mesa 2-Práticas de reflexão crítica, pesquisa e curadoria nas publicações de museu, com a participação de Paulo Herkenhoff (Diretor do MAR) e Cristina Freire (Diretora do MAC/USP), e mediação de Luiza Leite. Cristina Freire disse que a questão principal é pensar a relação entre curadoria e pesquisa nas publicações de museus, sendo que, a seu ver, a identidade com o ensino é a referência para pensar a publicação de um museu público. Para isso, é necessário haver a redefinição do objeto de arte, da perspectiva da historiografia da arte, de outra museologia, a visibilidade da história canônica versus a invisibilidade de relatos que partem da coleção. É ver a publicação como referência de ensino. Paulo Herkenhoff considera o MAC/USP como modelo de museu brasileiro. Em relação ao ensino, considera que o MAR está longe de chegar ao ponto ideal na formação

de professores da escola fundamental, sendo três os desafios fundamentais: 1- entender que uma criança pobre no Brasil tem metade do vocabulário de uma criança da classe média; 2-as crianças estão dentro de quatro paredes e a cabeça delas está na rede; 3 – o Rio de Janeiro é uma cidade extensa, com 1.400 escolas públicas. O que fazer com Santa Cruz, que tem baixos índices sociais? A Escola do Olhar tem sua atenção voltada ao Ensino Fundamental. Após as palestras dos convidados e a fala da mediadora, o público presente fez perguntas e considerações sobre o tema, declarando a importância desta Mesa no evento. A Mesa 2 teve seu término às vinte e uma horas e vinte minutos.

### **DIA 28/04/2016**

No dia vinte e oito de abril de dois mil e dezesseis, às nove horas e trinta minutos, no Auditório do MAR, teve início a Mesa 3 – Políticas editoriais e a circulação do conhecimento na área de Artes (especificidades, perfis distintos, traduções, imagem e movimento, arquivos sonoros, direitos autorais), com a presença de Gilberto Icle (UFRGS), Paulo Silveira (UFRGS), Fausto Borém (UFMG), Martha Ulhôa (ARJ e UNIRIO) e Isabel Grau (UNIRIO).

Gilberto Icle é Editor Chefe da Revista Brasileira de Estudos da Presença e apresentou os desafios que a Revista enfrenta: 1-financiamento; 2-confiabilidade (2.1: comunicação eficiente; 2.2. publicação no prazo – 1 ou 2 semanas antes do início do período; 2.3.qualidade dos pareceres; 2.4.qualidade da revisão; 2.5 temáticas emergentes em paralelo a temáticas clássicas do campo; 2.6 publicação de trabalhos de pesquisadores de excelência); 3. Atração de bons artigos; 4. Qualidade dos trabalhos publicados (4.1 qualidade dos pareceres; 4.2 manutenção e recriação da linha editorial 4.3 tomada de decisão); 5. Atendimento dos critérios SciELO (5.1 25% de pareceristas estrangeiros; 5,2, ciclo de tratamento dos manuscritos de 6 meses; 5.3 manutenção do francês como língua; 5.4 mínimo de 30% em inglês); 6 controle dos indicadores cientométricos numa área que não tem tradição de indexação; 7. Identificação de plágio e autoplágio. Paulo Silveira é Editor Chefe da Revista PortoArte, que é publicada desde 1990. Considera que tem recebido bons textos de Metodologia de Pesquisa em Artes, mas as dificuldades estão em Poéticas Visuais. Falou sobre o histórico da Revista e disse que atualmente a Revista circula está online porque a Universidade não tem dinheiro para comprar papel. Fausto Borém é Editor Chefe da Revista Per Musi, da UFMG, que está ativa desde o ano de 2000, com três focos principais: Análise Musical, Educação Musical e Música hoje. Reivindica maior solidariedade entre os periódicos de Música no sentido de computar carga horária de trabalho para os Editores. A Per Musi publica transcrições, composições e arranjos originais, e tem possibilidade de colocar arquivos de áudio e de vídeo. Para manter a Revista, é cobrada uma taxa de R\$100,00 para publicação dos artigos aprovados. Martha Ulhôa é Editora Chefe do ARJ e considera que é importante saber o rigor do método científico, haver convivência com outras áreas e defende a interação entre teoria e prática, além do que a avaliação está forçando a fazer uma massa de produção de inserção mundial. Fez um apanhado do processo de criação do Qualis Artístico e considera que alguma forma de registro tem que ser mais permanente, para ser acadêmica, chamando a atenção para que é importante colocar no Lattes o ISSN e o ISBN das publicações, bem como colocar nos repositórios institucionais a produção acadêmica artística. Isabel Grau é responsável pela área de Artes na Biblioteca da UNIRIO e sua fala foi na direção de elucidar questões sobre a disponibilização da produção artística e sobre acesso aberto. Disse que o repositório, mais que uma ferramenta, é uma estratégia para as universidades terem visibilidade como agentes de produção e comunicação científica. Demonstrou as possibilidades de indexação das

revistas e reforçou a potência da área de Artes para se internacionalizar e se tornar referência de publicação.

Ao final, alguns palestrantes quiseram complementar a fala já feita com outras informações. Paulo Silveira declarou que os ensaios visuais foram tirados da Revista PortoArte com a justificativa de que era mais difícil avaliar, pois havia o problema de decidir quem seria avaliador dos ensaios visuais. Não chegaram a um consenso a respeito disso, mas uma das saídas é fazer a publicação de ensaios visuais por convite. Em 2011 os ensaios visuais voltaram a ser publicados. Disse ainda que os artigos em língua estrangeira não são revisados, são publicados como chegam. Gilberto Icle informou que a Revista Brasileira de Estudos da Presença só publica textos. Fausto Borém disse que a Per Musi publica textos, resenhas e partituras desde o início. Depois da indexação no SciELO foram obrigados a colocar seções para cada item, deixando claro o que são os artigos científicos. A palavra foi aberta ao público e Afonso fez um apelo a que, na avaliação dos periódicos na CAPES, os avaliadores respeitem a diversidade de identidades. Pediu especial atenção à atração do layout das publicações, para que não sejam tristes, sem graça. Após o intervalo para o almoço, às quatorze horas e trinta minutos começaram os workshops simultâneos: *Treinamento SEER de autor e editor*, ministrado por Ronnie de Brito (IBICT) na sala 3.1 do MAR, e *Funcionamento específico do ARJ para o Corpo Editorial*, ministrado por Maria Aniolly (UFRN/ARJ), na sala 3.2 do MAR. Ressalte-se que Maria Aniolly indicou a necessidade de todos os autores fazerem orcid id. Os workshops se estenderam até as dezessete horas e trinta minutos. Às dezoito horas teve início a Reunião interna do ARJ com os Editores atuais e os representantes das associações. Foram discutidas questões de padronização de texto, da possibilidade de autor e avaliador poderem trocar mensagens, das legendas de obras de arte terem o padrão de exposição e não das normas bibliográficas, da necessidade de se criar um banco de revisores do ARJ para os diversos idiomas e da Comissão Editorial para a fase de transição de Editoria Chefe. Quanto ao último item, foi indicado Paulo Silveira para próximo Editor chefe, que contará com o auxílio de Martha Ulhôa e Ana Maria Bulhões, e de Adriana Moreira (Música), Afonso Medeiros (Artes Visuais) e Cássia Navas (Artes Cênicas) para os Editores responsáveis pelo número do primeiro semestre de 2017 do ARJ. A reunião foi encerrada às dezoito horas e quarenta minutos. Às dezenove horas e trinta minutos teve início a Mesa 4 – Crítica de arte, processos imersivos de criação e intervenção urbana em publicações independentes, no Auditório do MAR. Foram palestrantes Brígida Campbell (Poro/UFGM) e Clarissa Diniz (Revista Tatuí), sendo mediador Ricardo Basbaum. Brígida falou do Poro - do qual participa em dupla com outro artista -, que tem como propósito fazer intervenções urbanas em territórios de comunicação no espaço público, e de trabalhos de Artes Gráficas na Escola de Belas Artes da UFGM, onde atua como professora e orientadora de trabalhos de conclusão de curso. Disse que tratar a publicação como espaço de experimentação em si acarreta tratar publicação como obra de arte. Deu como exemplo a Revista Refil, em que se pensa não só o conteúdo, mas também a forma. Clarissa contou como a Revista Tatuí, de Recife, se manteve de 2006 a 2014, publicando 14 números. O grupo editor instituiu um SPA das Artes, com o intuito de registrar os trabalhos realizados e publicar a revista ao final de seis dias, na linha inversa, ou seja, minimizar ao máximo o distanciamento, em uma imersão. Os jovens artistas tiveram uma experiência crítica imersiva. Outra experiência foi a residência editorial, onde a intenção era promover uma escrita de todos juntos, de formas dissonantes. Desta experiência foi lançado o número 00. Ricardo iniciou sua fala dizendo que a Crítica de Arte esteve muito presente nos anos 1980, quando a Arte era tomada como lugar crítico, com demanda da eficiência, da pragmática,

do resultado, do planejamento. O valor do trabalho estaria no que trazia de crítica, sendo importante a encenação, a construção do evento, a possibilidade de exhibir. O valor da prática artística se daria a partir de valores críticos. Relatou um pouco de sua experiência como Editor-Artista da Revista Item, de 1995 a 2003, tendo editado seis números. À época os jovens artistas se organizavam em grupos de estudo, de debate, de leituras críticas do que faziam, elegendo temas e chaves de leitura para um banco de imagens que criaram. Ricardo fez uma pergunta para cada palestrante. Para Clarissa perguntou se a imersão poderia fazer desaparecer o estranhamento e para Brígida perguntou como fica a relação do experimentalismo em relação ao lugar da crítica, uma vez que o Poro manipula e arranca alguma discursividade, e retorna para produzir um estranhamento. Clarissa respondeu que a primeira coisa que a imersão demonstrou foi que ela não amansava questões de alteridade, mas acentuava isso. Era uma nova experiência de alteridade, outro engajamento mais radical. Brígida respondeu que o trabalho do Poro sempre foi muito intuitivo, na própria vivência de habitar a cidade, enquanto o trabalho dos alunos são exercícios, de como eles podem responder a uma demanda. Cada um é um. O exercício crítico está na forma de experimentar e tentar criar outras formas. É uma crítica ativa enquanto exercício, um exercício ativo. Houve perguntas do público, que foram respondidas pelas duas palestrantes. A Mesa 4 terminou às vinte e duas horas e dez minutos. No dia vinte e nove de abril de dois mil e dezesseis, às nove horas e trinta minutos, no Auditório do MAR, aconteceu a palestra Indexação/Construção de Theasaurus por área, com a participação de Maria Aniolly, Ronnie Brito e Martha Ulhôa. Maria falou sobre indexação da informação, que é um meio de recuperação da informação e pretende a aproximação dos produtores com os usuários do conhecimento e que thesaurus é um tipo de vocabulário controlado. Artes não tem vocabulário controlado, faz uso dos vocabulários das bibliotecas. Ronnie falou sobre o *Dublin core*, que é um núcleo de onde podem ser derivados outros tipos de metadados e que pode ter campos qualificados mais específicos. O XML possui os campos Dublin core que possibilitam a exportação de um campo para outro. Disse ainda que a relação dos metadados com o thesaurus é fornecer informações qualificadas para o sistema de informação. Martha esclareceu algumas ações importantes para a recuperação da informação. Uma delas é colocar o nome da instituição sempre por extenso e na língua original, senão não há possibilidade de ser achado. Em relação às palavras-chave, usar ao máximo as palavras controladas, ou seja, termos da Biblioteca Nacional, além de sempre incluir, nas palavras chave, sua área principal de atuação: artes visuais, artes plásticas, dança, música, teatro. É aconselhável buscar na Biblioteca Nacional por palavras chave. São três os documentos básicos: imagem em movimento, sonoro, imagem. Todas as descrições devem levar algum termo chave que seja de vocabulário controlado. Às dez horas e trinta minutos foram iniciados os trabalhos dos GTs do Fórum Nacional de Editores, sendo que o GT de Artes Cênicas se reuniu na sala 3.1, o de Artes Visuais na sala 3.2 e o de Música na sala 3.4 do MAR. As reuniões dos GTs terminaram ao meio dia e meia. Às quatorze horas e trinta minutos, no Auditório do MAR, iniciaram-se os relatos dos GTs. A sessão foi mediada por Cássia Navas (UNICAMP), cujo relato se segue. Mesa composta por Maria Alice Volpe (UFRJ), Gilberto Icle (UFRGS) e Paulo Silveira (UFRGS). Mediação: Cássia Navas (UNICAMP). Por uma decisão tomada entre todos, e para adiantar os trabalhos da tarde, a dinâmica para esta mesa foi a da exposição dos relatos dos GTs; as discussões e encaminhamentos sobre o apresentado ficaram para a mesa (plenária) final do encontro. Desta maneira, seguem os relatos, sendo os de Música e Artes Visuais aqui colocados da forma exata que foram enviados por email. O relato de Artes Cênicas foi enviado na forma de tópicos e recebeu

um leve tratamento. **Relato 1: GT Editores de Artes Cênicas, por Gilberto Icle** - Antes de iniciar seu relato, Icle alertou para o fato do coordenador do Fórum de Editores de Artes Cênicas ser Luiz Fernando Ramos (USP), que já se ausentara do evento antes do GT Editores de Artes Cênicas, por questões profissionais. Depois, apontou os quatro pontos resultantes da discussão do GT, enviados, esquematicamente, por email: 1) sugestão de redação e envio de um documento ao CNPq, no qual se aponte a necessidade de financiamento dos periódicos da área que, por falta de indexação, não podem sequer concorrer aos editais, quando os há; 2) sugestão para que, entre a área Artes/CAPES e o Fórum de Editores de Artes Cênicas, possa haver uma discussão sobre os critérios CAPES do Qualis periódicos; 3) que se encontrem formas de estimular-se os pesquisadores para apresentação de resultados de pesquisa em outros formatos além do tradicional artigo; 4) que se abram discussões sobre a dinâmica entre os critérios (ou aquilo que grande parte dos pesquisadores pensa serem critérios) e as pesquisas reais.

**Relato 2: GT Editores de Música, por Maria Alice Volpe e por Fausto Borém** -

Estavam presentes na reunião da subárea de Música: Adriana Lopes Moreira (USP - AJR) [adrianalopes@usp.br](mailto:adrianalopes@usp.br), Eliane Leão (UFG / UFRN/ Musica Hodie, ARJ) [elianewi2001@gmail.com](mailto:elianewi2001@gmail.com), Fausto Borém (UFMG / Per Musi) [faustoborem@gmail.com](mailto:faustoborem@gmail.com), Felipe de Almeida Ribeiro (UNESPAR / Vortex) [felipe.ribeiro@unespar.edu.br](mailto:felipe.ribeiro@unespar.edu.br), Helena de Souza Nunes (UFRGS / PPGM-UFBA - Ictus) [helena@caef.ufrgs.br](mailto:helena@caef.ufrgs.br), José Antônio Baeta Zille (UEMG / Modus) [jbzille@yahoo.com.br](mailto:jbzille@yahoo.com.br), Maria Alice Volpe (UFRJ / Revista Brasileira de Música) [volpe@musica.ufrj.br](mailto:volpe@musica.ufrj.br), Noemi Ansai (UNESPAR/ Revista Científica da Faculdade de Artes do Paraná; Incantar; Mosaico) [noemiansai@gmail.com](mailto:noemiansai@gmail.com), Sheila Volpi (UNESPAR / Revista Brasileira de Musicoterapia) [sheilavolpi@gmail.com](mailto:sheilavolpi@gmail.com), Sonia Regina Albano de Lima (UNESP / ANPPOM) [soniaalbano@uol.com.br](mailto:soniaalbano@uol.com.br), Vincenzo Cambria (UnioRio / ABET - Música e Cultura [v.cambria@hotmail.com](mailto:v.cambria@hotmail.com), Questões discutidas pelo GT de Música, que deverão ser compartilhadas com todos os Editores de Periódicos de Artes e PPGs de Artes. A) Para encaminhar à CAPES: 1-Deliberação de critérios valorativos sobre os esforços dos PPGMus (financeiros, de carga horária, de pessoal docente e de pessoal administrativo) de manter um periódico científico em dia. 2-Deliberação de critérios valorativos sobre os esforços dos PPGMus de manter docentes ocupados com as tarefas de serem (a) editores de periódico científico no próprio programa, (b) editores de periódicos científicos de em outros programas ou (c) editores de periódicos científicos de associações científicas. 3-Critérios de avaliação dos periódicos deve ser mais claro e mais bem explicitados pela CAPES. Por exemplo, o tempo mínimo para um periódico ascender de estrato ou o tempo máximo para um periódico continuar em um estrato mesmo não cumprindo seus quesitos. Há exemplos de periódicos que cumpriram os quesitos para se tornar A1 mas não ascenderam a este estrato. B) Para encaminhar ao CNPq: 1-Deliberação de critérios valorativos diferenciados das seguintes atividades: (a) Editor de periódico científico, (b) Membro de Corpo Editorial de periódico científico (c) Parecerista de periódico científico, com vista a uma maior especificidade no preenchimento do Lattes e distribuição de bolsas de pesquisa. No caso do Editor de periódico científico, observar que o tempo e esforço despendido em tarefas editoriais ocupa tempo e esforço que seria dependido com a publicação da própria produção científica do Editor. 2-Deliberação de critérios valorativos na publicação de: (a) resenhas críticas (resenhas de livros, artigos, teses), com o objetivo de estimular a crítica e o debate na área de música; (b) entrevistas estruturadas em periódicos científicos, com o objetivo de atualização e socialização de ideias inovadoras na área de música. C) Para encaminhar a todos os PPGs e Editores de periódicos científicos de Artes: 1-Estimular os editores de periódicos científicos de Artes

na publicação de textos que fundamentem assuntos relevantes das áreas de Artes, com o objetivo de prover literatura qualificada aos cursos de Graduação e Pós-Graduação. 2- Levantamento quantitativo de periódicos científicos e seus respectivos editores nas subáreas de Artes e suas situações atuais. 3- Levantamento da viabilidade e estratégias para a cooperação entre PPGs e/ou associações científicas para revitalizar periódicos, propor fusão de periódicos e colaboração entre editores e PPGs para otimizar esforços e viabilizar a sobrevivência continuada dos mesmos. 4-Propor uma colaboração e comunicação continuada entre os editores de periódicos científicos de Artes e/ou suas subáreas (por meio de lista de discussão) para concentrar esforços em linhas editoriais específicos e evitar duplicação de iniciativas. 5-Discutir nos PPGs a avaliação das atividades do Editor de periódicos científicos, seja pela redução de carga horária letiva (tendo em vista que se trata de atividade intelectual acadêmica de alto nível), seja pela redução da carga horária de atribuições administrativas, seja pelo pagamento de função gratificada. 6-Discutir estratégias e limites para a internacionalização dos periódicos, partindo da sugestão de uma cota inicial de 10% e gradual aumento de artigos publicados em inglês. 7-Discutir número mínimo de artigos por ano publicados no periódico (com sugestão de um mínimo de 12 artigos anuais) em função das metas pouco realistas do estrato Qualis A1 (18 artigos anuais) e do SciELO (20 artigos anuais). A área de música lembra que diversos periódicos internacionais relevantes não atingem as metas estabelecidas para o Qualis A1 e SciELO, entre eles: *International Musicological Society, Acta Musicologica; Society for Ethnomusicology, Ethnomusicology; American Musicological Society, Journal of the AMS International Council for Traditional Music, Yearbook for Traditional Music; International Society for Music Education, ISME Journal; MIT, Leonardo Journal; Society for Music Theory, Music Theory Journal*. Um dado importante nesta discussão é a proporção entre o número de Doutores nos PPGs e o número de periódicos qualificados no Brasil (foram listados cerca de 43 periódicos científicos de música no Brasil, cuja grande maioria não está bem qualificada atualmente). 8-Discutir, dentro da internacionalização dos periódicos, a necessidade de se manter a língua portuguesa como essencial para alguns objetos e temas de pesquisa e para suprir literatura para os cursos de Graduação. 9-Discutir, dentro da internacionalização dos periódicos, estratégias de captação de artigos no exterior em português ou inglês. 10-Indicação de nomes de pesquisadores das subáreas de Artes para de representação no ARJ e seus eventos. 11-Discutir ações (listas de discussão, congressos das subáreas etc.) para desenvolver o vocabulário controlado de cada subárea (unitermos, palavras-chave, tesouros), com o objetivo de uma recuperação eficiente na rede dos trabalhos científicos (artigos, teses etc.). Sondar experiências anteriores e partir de seus resultados (no caso da área de música, foram mencionadas iniciativas do grupo GBICAM (da Associação Nacional de Bibliotecários), da ECA-USP (Artes) e do pesquisador José Augusto Mannis na UNICAMP e junto à ANPPOM. **Relato 3: GT Editores de Artes Plásticas (Visuais) por Paulo Silveira** - Estiveram presentes representantes diretos ou indiretos dos periódicos: *Arte & Ensaios, Poiésis, VIS, Palíndromo, Educação, Artes e Inclusão, Gearte, Arteriais, Pós:, Lamparina, Cartema, ouvirOUver, Porto Arte e ARJ*, entre outras. Foram abordados os seguintes tópicos: (1) a relação de comprometimento do Fórum com a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP, e vice-versa, a ser expressa igualmente através do site da entidade, que receberá página com lista de periódicos e seus programas de pós-graduação; (2) proposta de continuidade das discussões presentes no III Fórum de Editores da Área de Artes/Artes Visuais, a ser realizado concomitantemente ao 25º Encontro Nacional da ANPAP; (3) sugestão de parcerias entre programas diferentes ou

de fusões entre revistas como uma estratégia possível de boa continuidade; (4) atenção ao fato de que, se ainda não temos revista A1 na subárea de Artes Visuais (mas A2 e B1, também consideradas de excelência), devemos compreender as razões de nossas limitações e seguir buscando o mais alto padrão desejado; (5) a percepção, por parte dos integrantes do grupo, da pouca visibilidade das revistas em relação ao seu público imediato e a outros públicos afins, sejam pessoas ou instituições; (6) a importância da comunicação do veículo com seus autores, leitores e fornecedores como propulsor da ampliação da sua confiabilidade como periódico acadêmico; (7) a importância da interpretação da delimitação do perfil declarado pelo periódico em sua avaliação pela Capes, assim como da sua pertinência aos campos introdutórios da plataforma Sucupira; (8) sugestão de valorização institucional dos pareceristas e seu trabalho e a responsabilidade nas opções de declarar ou não os seus nomes nas edições; (9) debate sobre o que se entende como internacionalização e formas de realizar no periódico essa demanda, das relações científicas evidenciadas nos dossiês ao estímulo da presença da língua inglesa; (10) a necessidade de apoio financeiro à edição de periódicos da área de Artes por parte da Capes, das universidades e de outras instâncias de fomento (para gastos com traduções, versões, editoração, impressão, correio, prestação de serviços etc.). Devido à falta de tempo, ainda que este tenha sido ultrapassado, não foi iniciada a discussão de dois temas: categorização das estruturas das revistas e dúvidas quanto ao direito de reprodução de imagens. O que foi visto e o que não foi será retomado em setembro de 2016 no próximo encontro nacional da ANPAP, em Porto Alegre.

Encerrados os relatos dos GTs, Nara Cristina fez o relato do Comitê Gestor, reafirmando a condição do Art Research Journal não por área, mas por temas transversais. Foi assinado um Termo Aditivo para privilegiar a integração das subáreas; variedade e outras formas de visibilização, que valerá por cinco anos, a partir da data das assinaturas. Como este ano se finaliza o último número por área, foi pensado o número para o próximo semestre. Ficou acertado que a alternativa seria reunir um membro de cada uma das associações para se responsabilizar pelo primeiro número de 2017. Foram indicados para o Corpo Editorial de transição: Afonso, Adriana e Cássia. Paulo Silveira será o editor gerente junto com a Martha e a Ana Bulhões. Na assembleia de cada associação, serão indicados mais dois nomes, ficando três representantes de cada área. O papel das associações é político, acadêmico e financeiro. A questão da internacionalização será mantida no ARJ. Seguiu-se a sessão Plenária, com a mediação de Vera Siqueira, que abriu para discussões. Martha disse que há tensão entre os critérios Qualis e as pesquisas reais. Um dos problemas é que os critérios foram criados para incentivar a área a ficar mais profissional, para consolidar a pesquisa na área. No entanto, eles acabam por exercer um papel perverso, porque as revistas se atêm a um formato de padrões que foram os mesmos para outras áreas. É uma questão filosófica da área tentar trabalhar a partir do conteúdo e não da forma, mas a forma interfere. Então precisamos achar um meio de colocar nossa especificidade na forma que está aí. Carmen ressaltou que o tema é um dos mais inquietantes e que as normas funcionam como um fator inibitório. Afirmou que, embora precise haver padronização, perdemos em termos de circulação entre a forma que se quer e o rigor científico. Narciso propôs, como encaminhamento, que seja feito, no fórum de editores das associações, um documento para apresentar aos fóruns dos editores nacionais. Maria Alice disse que é preciso circular mais o diálogo, que a discussão não fique restrita a este evento. É preciso valorizar mais as publicações de associações. Martha disse que temos que ter ações, mas filosoficamente, ou seja, ter pessoas através das associações para ter assento na ABNT, no SciELO, pois isso politicamente é muito importante. Afonso disse que a área tem suas

instâncias de reunião com os coordenadores de Programas, mas também temos que privilegiar ações que nos deem oportunidade de pensarmos a área como um todo, para além dos nossos programas e das nossas subáreas. Como área de Artes, temos grandes batalhas perante a universidade e as agências CAPES e CNPq. Vê com bons olhos o fórum de editores e o ARJ. Nara considerou que trabalhar compartilhadamente faz crescer como área, pois quanto mais compartilhadas forem as nossas ações será melhor para todos. O nível de exigência que temos na CAPES para conosco é um nível de exigência que se dá nas nossas ações. Cássio disse que precisamos definir quem seria o coordenador do Fórum dos Editores de Arte e Martha respondeu que estamos em um debate que tem força de assembleia. A pergunta é: vamos montar um fórum de editores? Como é a estrutura? Ana Maria disse que há muito tempo a ABEC defendeu que temos que formar a Associação Brasileira de Editores de Arte. O fórum pode ser um princípio para isso. A associação é uma instituição, é mais forte. Felipe colocou a possibilidade de unir a UEPR e a UFPR para o evento do próximo ano, em Curitiba. Nara ponderou que, como a UEPR não tem programa de Pós graduação na área, discutir com a UFPR para recepcionar o evento é uma boa proposta. Cristina Rosa chamou a atenção para que ter mais uma associação gera mais um trabalho. Propõe que possamos pensar até o próximo ano, quando talvez tenhamos algo mais maduro. Sandroni disse que não vê com bons olhos a associação. O que é interessante em ser fórum é que se pudesse ser também virtual, pois assim haveria a possibilidade de debater o ano inteiro. Narciso disse para Curitiba pode-se pensar algo mais diverso. Posicionou-se dizendo que, se for uma associação mais diversa, que abrigue outras formas de revistas e outras formas de divulgação, é a favor. Paulo disse que seduz a ideia de um fórum mais aberto, mas que se formos colocar em um fórum todos os que publicam na área de Artes Visuais vai haver muita gente e, para a discussão acadêmica, fica difícil. Gilberto disse que a proposta de se abrir é boa, mas seria bom começar com uma pessoa que possa gerir uma lista de e-mails, para que as três subáreas possam conversar um pouco durante o ano e fomentar o fórum entre todos, para o próximo encontro. Maria Alice disse que concorda, mas ponderou que é difícil buscar recursos financeiros. Se formos abrir para os processos criativos de diversos setores, teria que ser um evento muito grande. Adriana Schneider disse que o mais interessante deste Fórum foi o fato das três subáreas terem se encontrado e cotejado as diferenças. Disse que temos que gerar demanda para a CAPES e que as revistas estão infladas. Considera que o debate do periódico científico está avançado, mas a nossa área é muito mais que isso. O que não está consolidado são os formatos e não as pesquisas. É a questão do Artista Pesquisador. É preciso encontrar outros formatos, sem desprezar o que foi gerado até aqui. Isso só foi possível enxergando os problemas comuns. Talvez possamos usar a discussão dos periódicos para outras questões. Produzir anais diferenciados para o evento, com o formato de revista laboratorial em processo. De maneira mais dinâmica mais barata e rápida, desde que todos os que falaram no evento enviarem alguma produção. Pode ser mais um exercício para encontrarmos outras saídas. Carmen disse que se as associações têm encontros anuais, e que o Fórum de Editores poderia ser realizado anualmente uma vez em cada congresso. Assim, a cada ano uma das associações abriga o encontro do Fórum. Nara ponderou que a ideia é cada vez mais uma autonomia, que o Fórum de Editores não precisaria ter esse vínculo. Cristina Rosa disse que o Encontro do ARJ está funcionando, estamos crescendo, consolidando, aprendemos a jogar o jogo. Ao mesmo tempo, os fóruns da ANPAP, de alguma forma, estão nos ajudando a consolidar isso. Talvez fosse bom conversarmos para, no próximo Fórum, fazer uma feira dos editores. Vera solicitou que fosse feita a votação ou aclamação de Curitiba para sediar o próximo Encontro do

ARJ. Foi aclamada. Foi solicitado que o Encontro seja feito em abril de 2017, uma vez que no segundo semestre há muitos eventos. Felipe se comprometeu a levar a proposta para a UEPR e conversar com a UFPR, e dar um retorno o mais breve possível, pois se o Fórum for feito em Curitiba em 2017, precisa montar uma equipe. Paulo chamou a atenção que nada impede que qualquer pessoa que queira organizar algum evento marginal ao nosso faça isso acontecer. Não estamos abrigando isso, mas apoiamos. Já temos uma fortuna crítica sobre isso e elas teriam condições de construir algo paralelo a nós. Vera perguntou o que iria resultar da plenária. Sandroni disse que sua proposta do fórum virtual seria para agora.

Gilberto indicou os pontos: 1- o interesse dos editores de participar dos critérios de avaliação – fóruns específicos e nacional. 2- CNPq – financiamento dos periódicos – isso precisa ser apontado e pressionado. Função das associações e dos quatro fóruns, ou seja, o nacional e os das associações. 3-A lista de editores é mais fácil obter, pois é só juntar as listas dos três fóruns. 4-Em algum momento temos que eleger o coordenador do Fórum Nacional. Nara declarou que precisamos do nome de alguém para tratar do fórum virtual. Fausto insistiu na questão da valorização da figura do editor e do programa que mantém um editor. Mandar o pedido para a CAPES e coordenadores de PPG, no intento de conseguir redução de carga horária. Martha considera perfeitamente legítima essa reivindicação junto à CAPES. Fausto vai elaborar o documento. A plenária decidiu que serão feitos dois documentos: 1- Para o CNPq, comunicando que nenhum periódico da área de Artes pode sequer concorrer aos editais de financiamento devido à exigência de indexação em pelo menos duas plataformas (das três elencadas pelo próprio CNPq) e solicitando que a situação seja modificada. Sabe-se que muito possivelmente os resultados serão nulos, mas mesmo assim considerou-se importante que a área se manifestasse. O documento será assinado pelos representantes dos fóruns de editores de Artes Cênicas, Música e Artes Visuais, para ser encaminhado aos presidentes das associações da área e, em seguimento, ao Presidente e aos representantes de Artes no CNPq. 2- Carta redigida pelos editores de periódicos, a ser encaminhada aos coordenadores de PPGs, solicitando uma maior participação no debate sobre os critérios de avaliação de periódicos da Capes. O documento 1 foi elaborado e aprovado em plenária. O documento 2 teve seu teor aprovado e será redigido posteriormente. Para isso, será criado um grupo de e-mails de todos os periódicos, para a redação final da carta e para a discussão de criação de uma associação de editores de periódicos de Artes. Adriana Schneider fez o encerramento dizendo que há um fórum legítimo de discussão e que superestimamos muito alguns critérios. Portanto, temos que gerar algo diferente, criar demandas específicas, olhar para a produção universitária e ver que o que se chama de científico não é o mais apropriado. O que se produz pode ser uma alternativa a uma área em que os periódicos está inflada. Precisamos buscar cada vez mais a colaboração entre os PPGs e as Revistas.